

## ANÁLISE DE OBRA LEXICOGRÁFICA

Rosana Ferreira Alves (UNICAMPR)

[alzana70@yahoo.com.br](mailto:alzana70@yahoo.com.br)

Rosângela F. F. Cardoso (UESB)

### 1. Considerações iniciais

Esse trabalho tem por objetivo analisar a obra lexicográfica *O Cancioneiro de Joan Zorro: aspectos linguísticos – texto crítico – glossário* (CUNHA, 1949), tendo em vista os critérios básicos explícitos em Mateus (1995), Cunha (1966) e Haensch (1982). Na oportunidade, pretende-se verificar, principalmente, os seguintes pontos:

- (i) A extensão e apresentação do glossário (se o autor especifica para quem é destinada à obra; se está claramente especificado o que o autor pretende executar);
- (ii) Se há explicitação dos critérios a serem adotados na preparação da obra;
- (iii) Caso os critérios estejam explícitos, é importante observar se os mesmos são coerentemente seguidos pelo autor.

### 2. Procedendo à análise

A obra em análise consta das seguintes partes: (a) elenco das publicações e das siglas usadas para os códices; (b) aspectos linguísticos; (c) texto crítico das cantigas; (d) elenco das cantigas; (e) glossário.

Em *aspectos linguísticos*, sob o título de *crítica filológica prévia*, o autor demonstra haver necessidade de se fazer, primeiramente, a caracterização genérica da antiga poesia lírica portuguesa e também da poesia medieval em sua primeira época. Segundo o autor, assim sendo, “poder-se-iam evidenciar os ápices criados ou recriados individualmente e examiná-los em todos os seus aspectos: o poeta dentro da tradição, o poeta contra a tradição e o poeta ampliando a tradição.” (p. 6).

Em seguida acrescenta-se que serão tratados, de forma resumida nos glossários e na lição crítica das cantigas, os fatos linguísticos correntes que desempenham função importante na interpretação textual.

Ao tratar da *natureza das vogais nasais*, demonstra-se, mediante vários exemplos, que são descabidas *‘as alterações que se fazem nas*

*cantigas trovadorecas quando nelas ocorre vogal oral rimando com vogal nasal.* (p. 20).

Demonstra-se também que a alta incidência de –e apenas em finais de versos não é um traço de arcaísmo, mas sim uma manifestação de paragege de origem rítmica.

Ao abordar *os arcaísmos léxicos* a seguinte passagem se faz notória por traduzir muito em poucas palavras:

Para que reputemos castelhanismos e leonesismos os referidos vocábulos, é necessário, antes do mais, aceitarmos a hipótese improvável de que o gênero de cuja estrutura faziam parte não floresceu inicialmente em Galiza e Portugal, mas teve uma origem comum castelhano– ou leonês-galego-portuguesa. (CUNHA, 1949, p. 33).

Essas palavras fornecem, ao autor, subsídios para defender o seguinte posicionamento:

... em nosso glossário das poesias do *Zorro*, contrariando o ponto de vista de eruditos filólogos, consideramos arcaísmos tanto os obscuros *lez* e *treydes*, como os supostos castelhanismos *avelaneyra*, *el*, *elos*, *garçetas*, *granadas*, *saldido* e *velida*. (CUNHA, 1949, p. 33)

No item denominado *Texto Crítico das Cantigas*, encontram-se informações básicas introdutórias aos textos. Na oportunidade o autor esclarece informações importantíssimas como:

Apenas dois manuscritos, o códice da Vaticana e o da Biblioteca Nacional de Lisboa, contêm poesias de Joan Zorro. O autor prossegue evidenciando as semelhanças e diferenças entre os dois documentos: “Conservara-se em ambas as mesmas composições (onze cantigas de refram) (...). Entretanto, pela divergência de numeração dos códices, ocupam os nº 751 a 761 no primeiro, e 1148 a 1158 no segundo. (p. 37).

O autor explicita também que, na presente edição, foram mantidas as lições do manuscrito, exceto quando as mesmas não satisfazem ao sentido e à forma das cantigas. Tendo em vista a viabilidade a interpretações razoáveis e a preservação de princípios elementares da poética trovadoresca as leituras foram mantidas. Evitando, com isso, propostas de recorrências a leituras ideais, sob o risco de não serem “*autorizadas pelas variantes dos apógrafos que chegaram até nós.*” (CUNHA 1949, p. 37).

Segundo o autor, foi muito proveitoso, para o trabalho presente, o confronto com edições anteriores, a saber: Monaci (1875), Bell (1920, 1925), Nunes (1928), etc.. Assim, após transcrever cada cantiga, Cunha atribui à classificação da natureza do *refram*, tipo de estrofe, rima etc.

Especifica o manuscrito (BARCAROLA, B 1153, V755) conforme se pode observar na p. 47. E, em seguida, trata das variantes dos manuscritos, demonstrando, na oportunidade, quando os Manuscritos do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa (denominado B) e/ou os Manuscritos do Cancioneiro do Vaticano (denominado V) apresentam diferenças na escrita das palavras ou expressão. Exemplifica-se isso com a seguinte passagem, na p. (59):

*Variantes dos Manuscritos: 1 e 7. Baylemus... (B e V) (...) 3... for... uelidas (B)... fior e relidas (V).*

Conforme se pode observar, a obra em análise se caracteriza de muita importância, uma vez que pode muito contribuir para os estudos filológicos. Isso porque, além de desenvolver um trabalho de ‘glossariar’ os termos dos textos, procura verificar como cada termo foi tratado em edições anteriores. Assim, enquanto em Cunha (1949, p. 59), conforme se registra *Bailemos* em documentos da biblioteca Nacional de Lisboa e do Vaticano registram-se *Bailemus*.

Sob o argumento da falta de conhecimento exato da ortografia vigente na época trovadoresca e tendo em vista a diversidade que apresenta a ortografia do escriba do Cancioneiro da Ajuda, em relação à dos copistas italianos do Cancioneiro do Vaticano (V) e do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa (B), Cunha explicita que adotou, no texto crítico das cantigas, um sistema conciliatório e uniforme, o qual se assemelha em muito com o utilizado em Nobiling na edição das *cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*. Em seguida, Cunha prossegue com a descrição dos procedimentos adotados.

Devido à natureza dessa análise crítica, não é conveniente, aqui, a citação de todos os procedimentos adotados pelo autor, exceto os que são relevantes para a fundamentação de oportunos e enriquecedores comentários. Assim, o autor traduz muito dos procedimentos adotados com a seguinte passagem: *2º Eliminamos todas as particularidades gráficas dos códices que não se relacionam com a pronúncia das palavras.*

Dessa forma, o autor evidencia que, tendo em vista a gramática e o sentido, foram isolados os vocábulos conglomerados e juntaram-se os elementos da mesma palavra quando os mesmos se encontravam separados. Conforme segue a demonstração.

Caracteriza-se muito elevado o nível de dificuldade, ao analisar o glossário da obra em foco. Isso porque o autor em momento algum, ex-

plicitou informações que seriam altamente necessárias para oportunizar ao leitor um melhor entendimento do glossário. Assim, *a obra em questão não apresenta as seguintes informações:*

- (a) Lista de abreviaturas utilizadas no glossário;
- (b) Ausência de explicitação de símbolos que aparecem no corpo de verbete;
- (c) Critérios utilizados para elaboração do glossário.

Dessa forma, a obra em análise não consta de informações, de como estão organizados os verbetes, fato que compromete, e muito, o entendimento do glossário. Conforme a explicitação acima em (b), o que de fato, significa o seguinte símbolo < (será que isso evidencia que o item anterior é proveniente do posterior ex.: *dade* (<*date*). Ver o verbete *DAR* na p. 72.) Encontra-se ausente também uma especificação de para quem é indicada abra.

Em se tratando da extensão da obra, uma questão pertinente é: *os glossários deverão ser parciais ou exaustivos?* A respeito disso, Mateus (1995) evidencia que uma edição crítica deverá obter um glossário exaustivo, com exceção das edições críticas especiais, como por exemplo, edições escolares ou de divulgação. A exaustão se justifica devido à subjetividade implícita a qualquer seleção, fato que vem comprometer a utilização do glossário como instrumento de trabalho. A obra em análise traz um glossário exaustivo, conforme veremos mais adiante.

Outra questão importante é saber *quais as informações que cada artigo deverá integrar.* Em geral organizam-se os artigos por ordem alfabética e apresentam como ‘cabeça do lema’, forma destacada (negrito e/ou maiúsculo), os verbos na forma infinitiva, os nomes e adjetivos no masculino singular. Em seguida, encontram-se a classificação gramatical, a localização de cada forma no texto e o termo correspondente na língua atual (caso na entrada a mesma seja registrada na forma arcaica). Na sequência, registram-se as diferentes flexões inseridas em tantos contextos quantos forem julgados necessários e suficientes em quantidade e extensão para garantir uma compreensão mais completa possível dos diversos significados e sentidos assumidos no texto pela palavra e a compreensão das construções gramaticais. Especifica-se a localização de cada contexto exemplificado.

Tendo em vista a demonstração da informação que cada artigo deverá abordar, segue uma exemplificação da disposição do artigo na obra em análise, ou seja, conforme Cunha (1949, p. 73):

(1) *DEUS* – *S. m.* Ser supremo, Nosso Senhor: 100,103. || Quanto a *por Deus* (vv.115,121) e *se Deus vos perdon* (v.129), cf. *Por e Se*<sup>37</sup>, respectivamente. || Do lat. *Dēus* (*REW* 2610). Esta palavra manteve nos primeiros tempos da língua o e aberto originário, pois não ocorre, nas cantigas trovadorescas em rimas com vocábulos cujo e provém de *ē* latino. (Cf. *Nobiling*, *Guilhade*, p. 7)

Conforme demonstração acima, a obra em análise apresenta os artigos dispostos da seguinte forma: “cabeça do lema” é destacada por letras maiúsculas e em negrito, separada por travessão. Atribui-se a classificação gramatical seguida dos possíveis significados, notificam-se as localizações, ou seja, linhas nas quais ocorrem no texto, antecedendo-as com os registros dos trechos nos quais as ocorrências são encontradas. Fornecem-se informações relacionadas à origem do termo, as quais poderão ser de âmbito morfológico, fonético, fonológico, semântico e/ou sintático. No caso do item exposto no exemplo acima, a informação histórica é de cunho fonético-fonológico. Evidencia-se também a bibliografia.

O autor fez o registro gráfico da ‘cabeça do lema’ conforme a forma escrita no texto e, em seguida, a caracterização gramatical, ele escreveu o vocábulo na forma atual.

Mateus (1995) evidencia que cabe ao editor julgar se deve indicar todas as ocorrências das palavras ou apenas aquelas que considera suficientes para não comprometer a compreensão dos possíveis significados e sentidos. A autora salienta que:

...esta última solução é satisfatória, tendo a vantagem de não tornar o glossário demasiado extenso – e ainda a sua credibilidade assente no conhecimento de que o editor tem do texto e na competência do seu critério para selecionar os contextos pertinentes. (p. 291).

No glossário em análise, apresenta-se a última postura, ou seja, não se apresentam todas as ocorrências de lexema, apenas as que são necessárias para, a partir de então, serem apresentadas as outras dentro dos verbetes. Pode-se demonstrar isso com o seguinte exemplo: na linha 4 registra-se a ocorrência *dizia*, na linha 130, registra-se *digades*, em 131 e 137, registram-se *disser*; nas linhas 11 e 20 registra-se o gerúndio *dizendo* e em 136 registra-se a forma infinitiva *dizer*. Contudo, apenas o infinitivo (*dizer*), ou seja, a forma não flexionada aparece na entrada, ou se-

---

<sup>37</sup> Esse pé de página é para registrar a forma tal como apareceu no artigo em análise. Certamente apareceu essa numeração para que ficasse clara a referência ao *se* (advérbio de modo).

ja, na ‘cabeça do lema’, (ver p.73). Mas, às vezes, pode aparecer como ‘cabeça de lema’, tanto o infinitivo do verbo quanto a forma flexionada, conforme se demonstra na p. 67 com a disposição dos lexemas *ADUGA* e *ADUZIR*.

Entretanto, quando a forma verbal flexionada ocorre com a letra inicial diferente da forma infinitiva, a mesma aparece registrada em outra ‘cabeça de lema’, a exemplo do que ocorreu na p.85 com *OUVE* e *OU-VESE*, onde apareceram apenas informações de natureza morfológica, tendo em vista que as outras informações já foram explícitas no lema que traz a forma verbal no infinitivo (cf. *AVER*, p. 69). Como é altamente notório, pode-se evidenciar com as demonstrações acima, que há uma grande ausência de sistematização no que se realmente fez no glossário, isso, porque às vezes adota-se uma postura, às vezes outra totalmente oposta.

A categoria gramatical no verbete apresenta-se, dependendo da classe gramatical, com um nível mais elevado de detalhamento. Ex.: Quando é pronome costuma-se especificar o tipo de pronome (pronome definido), mas quando é advérbio o mesmo não ocorre, uma vez que aparece apenas advérbio, ou seja, não se especifica se é de modo ou lugar ou tempo, etc.. Conforme se pode verificar na p.69, o lema *ANTE* traz como classificação apenas adv, enquanto o lema *AQUESTA* traz a classificação especificada de pronome demonstrativo. Ainda, quando se refere a uma mesma classe gramatical, ora aparece detalhadamente especificada, ora não. Conforme se demonstram nos lemas *ANTE* – Adv (ver p. 69) e *SE* – Adv. mod. (cf. p. 90).

Ainda no tocante à caracterização gramatical, quando um lexema que é de uma determinada classe gramatical, e desempenha no texto a função de outra classe, ele aparece registrado conforme a classe que é de origem e a função que ocupa no contexto. A exemplo da classificação do lexema *FREMOSA* que é registrado no glossário como um adjetivo substantivado, (Ver p. 77: Adj. subst.).

Em relação ao significado, o autor explicita da seguinte forma: explica o sentido mediante sinônimos, conforme o ex em p. 79. *IR* – deslocar-se; seguir; dirigir-se; caminhar, andar. No geral, para se explicitar a significação dos nomes, costuma-se entrar em detalhe, como, por exemplo, a explicação do significado do lema *LOADA*: Louvada (pela sua beleza) formosa. O mesmo que *velidada*, palavra com que alterna sinonimicamente nas cantigas paralelísticas. (ver p. 81).

Conforme se pode observar, não se registra o número de ocorrência de cada lexema. Mas, ao contrário, a localização das ocorrências é registrada levando em consideração as subclasses e/ou outras particularidades, sintáticas, morfológicas, fonéticas. Exemplifica-se isso na representação de lema *ME*, (p. 81), em que se ilustra da seguinte forma: Pron pos. obl.: 94; 97; 133. Antes da palavra inicial vocálica, sofre elisão tomando a forma *m'* 5,13; 21; 56,... funciona como obj. direto nos vv.5; 13, 21, 94, 97, e como obj. ind. nos vv 140 e 144, geralmente após a apresentação do(s) significado(s).

Com referência à abonação do vocábulo, o autor utiliza sempre exemplificação com fragmentos de outros textos, nesse caso, em seguida, identifica-se logo a localização do exemplo, com número de página e texto. Muitas vezes o autor atribui vários exemplos, tendo por base de vários autores e tece comentários importantes para que o significado da palavra seja entendido exaustivamente, assim os comentários dão espaço à informação do termo em muitos aspectos, tais como, morfológico, fonológico, sintático, semântico etc. Conforme segue a seguinte passagem na p. 71.

(2) *CABELO* – (...) *Mulier in capillo, filia in capillo, mancipia in capillosão* designativos da moça solteira frequentes em textos latinos medievais (...). Todas as formas encontram-se por exemplo na versão ducentista do ...

O autor explora, ao máximo, informações referentes à origem e à diacronia do vocábulo. Exemplificando com o verbete do lexema *DE*, (ver p. 72/73), percebe-se que o autor explica o termo desde a origem, perpassa pelo latim vulgar e depois explicita sobre os diversos significados que o termo assumiu nas línguas românicas. Na oportunidade o autor exemplifica, quase sempre, nas diversas fases. É realmente uma abordagem muito interessante e profunda, fato que justifica o tratamento monográfico que o autor dar ao glossário. Em muitos casos o autor não procede na mesma maneira, ou seja, não aborda o aspecto diacrônico de forma exaustiva. Conforme se comprova com o tratamento dado aos lemas *DE-POYS* e *DEUS* (p.73). Como o glossário não consta de introdução evidenciando os critérios adotados para a execução do glossário, o leitor fica sem saber o porquê de atribuir tratamento desigual aos lexemas.

### 3. Considerações finais

Em síntese, pode-se evidenciar que, o glossário em análise se caracteriza uma obra de grande contribuição filológica, principalmente ten-

do em vista a época na qual foi escrita, ou seja, há mais de meio século. Entretanto, se a mesma dispusesse de um texto introdutório evidenciando claramente os critérios, procedimentos adotados, e constando da explicitação de símbolos e abreviaturas utilizados, certamente seria melhor e mais compreensível ao leitor, fato que elevaria a sua excelência em qualidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Antonio Geraldo *et alii*. *Índice analítico do vocabulário de os lusíadas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966. Vol. 1. (Dicionário da língua portuguesa: Textos e vocabulários, 8). p. XIII-XXXIII.

CUNHA, Celso. *O cancionero de Joan Zorro: aspectos linguísticos – texto crítico – glossário*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1949. 97 p. [FALE 410 C972c 1949].

HAENSCH, Guinther *et alii*. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lingüística práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

MATEUS, Maria Helena Mira. Elaboração de glossários: problema, métodos e técnicas. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Orgs.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 289-298.